



Rui Falcão

Há uma nova centralidade no Alentejo que não passa despercebida a quem se interessa pelas coisas do vinho. Apesar de oficialmente integrada na sub-região de Borba, terra de forte tradição vinícola e inegáveis virtudes, é Estremoz que hoje dita cartas do Alentejo moderno, que lança as grandes tendências, que agrega muitos dos produtores mais excitantes e mediáticos do Alentejo.

O epicentro da revolução assenta nas vinhas espalhadas em redor da encantadora cidade de Estremoz, centro nevrálgico do novo Alentejo. E não são poucos os apelidos que saltam à memória quando dissertamos sobre Estremoz, qual deles o mais tentador. Nomes como João Portugal Ramos, Quinta do Carmo, Dona Maria, Monte dos Cabaços, Encostas de Estremoz, Monte dos Seis Reis e Quinta do Mouro, são axiomas perfeitos da diversidade que Estremoz tem para oferecer. Há de tudo em Estremoz, projectos jovens a rivalizar com produtores históricos, volumes imponentes em compita com pequenas produções, vinhos de inclinação clássica em disputa com tendências modernistas de inspiração mais internacional. Em Estremoz, e esta não é uma afirmação vã, nascem muitos dos melhores vinhos alentejanos. Entre os locais mais abençoados está a Quinta do Mouro, produtor de culto e referência suprema da paisagem transtagana. Curiosamente, a Quinta do Mouro, que se situa quase dentro do perímetro urbano de Estremoz, é uma das poucas quintas, assim mesmo denominadas, no Alentejo. Por alguma razão que a razão desconhece, quase não existem vinhos de quinta no Alentejo, vinhos de uma pequena propriedade delimitada, com uma identidade bem definida, com uma noção de história, continuidade e coerência. Os montes e herdades multiplicam-se, mas as pequenas quintas, as



hortas, os pequenos projectos, esses quase não existem. E fazem muita falta ao Alentejo, como a Quinta do Mouro tão bem ilustra.

A chefiar a Quinta do Mouro está Miguel Louro, homem de personalidade marcante e temperamento forte, directo e entusiasta, um provocador nato. Na Quinta do Mouro nada é conforme à tradição. Miguel Louro é um produtor rico de espírito, um homem que vive seguro das suas convicções, que sabe o que quer, que faz o que gosta e quando gosta, sem se preocupar com as aparências, sem se importar com terceiros, sem aceitar compromissos. Traços de

personalidade que explicam a razão de ser dos seus vinhos, os porquês de tanta autenticidade, os fundamentos para tanto génio e energia numa só garrafa.

Dentista de formação e profissão, nada no seu percurso poderá explicar a enorme sensibilidade para com a vinha, a impressionante empatia com as plantas, a excepcional percepção sobre as indigências, alegrias e problemas potenciais da vinha. Em poucos locais do mundo entendi melhor, e senti, o significado da já estafada frase "que o vinho se faz na vinha". Na Quinta do Mouro a tese ganha forma e conteúdo, muito para além dos habituais discursos insípidos. Passar nas vinhas acompanhado por Miguel Louro, entender as suas expressões faciais, ler a paixão nos seus olhos, ouvir os elogios e ameaças constantes que dirige a cada parcela, a cada cepa, é um acto de puro prazer.

As escolhas de castas são, como

não poderia deixar de ser, heterodoxas, quase únicas na grande planície, carregadas de dogmas e preconceitos. Mas, nitidamente, funcionam e, apesar da ousadia, dão corpo a vinhos deslumbrantes, também eles distintos de tudo o que o Alentejo tem para oferecer.

São vinhos serenos mas intensos, estranhamente bipolares na abordagem. Por vezes surgem finos e sensíveis, por vezes turbulentos e desasossegados, por vezes irrequietos e frenéticos, por vezes judiciosos e ponderados. O que está sempre apançado é a enorme finura e elegância, a certeza da frescura, a garantia da sobriedade, a segurança de se lhes reconhecer uma notável capacidade de envelhecimento. Sim, é fácil gostar dos vinhos da Quinta do Mouro. Veja-se a edição 2005, impressionante na dimensão e

amplitude, louvável na integração entre a personalidade vinçada, suavidade, frescura e harmonia. Um tinto pujante e vigoroso, um tinto de força e raça, mas, simultaneamente, um tinto equilibrado, quase meigo, ajuizado e rigoroso. Um tinto galante, singular, frutado, terroso e autêntico. Um tinto para beber já com prazer, ou para esperar durante os próximos 15 anos.

Mas se o engarrafamento "clássico" da Quinta do Mouro é mais que suficiente para a exaltação, que dizer então do Quinta do Mouro Rótulo Dourado, o infante da casa, editado apenas nos anos excepcionais? A edição 2005 do Rótulo Dourado revela um noivado perfeito entre os conceitos de potência e elegância, uma invulgar aliança que facilita um equilíbrio perfeito entre virilidade e suavidade, entre força bruta e delicadeza extrema. E depois, há ainda a frescura tremenda do final de boca, uma frescura comovente pela justeza da proporção, uma acidez que o transporta seguro e tenso até a um final de boca apoteótico. Um grande vinho do Alentejo, que ganhara com um estágio prolongado na garrafeira.

Quinta do Mouro

A personalidade forte de Miguel Louro marca de forma indelével os vinhos da Quinta do Mouro, vinhos únicos e sem compromissos, vinhos de autor e de "terroir", vinhos que traduzem e retratam um espaço, uma família, um local, uma filosofia